

IDOSOS E MORTALIDADE: PREOCUPANTE RELAÇÃO COM AS CAUSAS EXTERNAS



Autor deste número

Antonio Benedito Marangone Camargo,
pesquisador da Fundação Seade.

Coordenação e edição

Edney Cielici Dias



SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Diretora Executiva

Maria Helena Guimarães de Castro

Diretora-adjunta Administrativa e Financeira

Marcia Jungmann Cardoso Nogueira
(respondendo pelo expediente)

Diretor-adjunto de Análise e Disseminação de Informações

Edney Cielici Dias

Diretora-adjunta de Metodologia e Produção de Dados

Margareth Izumi Watanabe

Corpo editorial

Maria Helena Guimarães de Castro;

Haroldo da Gama Torres;

Margareth Izumi Watanabe;

Edney Cielici Dias e

Oswaldo Guizzardi Filho

Assistente de edição

Cássia Chrispiniano Adduci

Av. Prof. Lineu Prestes, 913 – Cidade Universitária – 05508-000 – São Paulo SP

Fone (11) 3324.7200 Fax (11) 3324.7324

www.seade.gov.br / sicseade@seade.gov.br / ouvidoria@seade.gov.br

APRESENTAÇÃO

PESQUISAS INSERIDAS NO DEBATE PÚBLICO

O Seade é uma instituição que remonta ao século 19, com o surgimento da Repartição da Estatística e do Arquivo do Estado, em 1892. Ao longo de mais de um século, tem contribuído para o conhecimento do Estado por meio de estatísticas, com um conjunto amplo de pesquisas sobre diversos aspectos da sociedade e do território de São Paulo. Levar parte importante desse volume de informação e suas interconexões ao público é, por sua vez, uma tarefa tão relevante quanto desafiadora.

O Projeto Primeira Análise visa divulgar parte do universo de conhecimento da instituição, ao dialogar com temas de interesse social. Os artigos que compõem o projeto procuram sinalizar de forma concisa tendências e apresentar uma análise preliminar do tema tratado. Trata-se de texto autoral, de caráter analítico e científico, com aval de qualidade do Seade.

Os textos são destinados a um público formado por gestores públicos, ao oferecer informação qualificada e de fácil compreensão; ao meio acadêmico e de pesquisa aplicada, por meio de abordagem analítica preliminar de temas de interesse científico; e para a mídia em geral, ao suscitar pautas sobre questões relevantes para a sociedade.

Os artigos do projeto têm periodicidade mensal e estão disponíveis na página do Seade na Internet. Os temas englobam aspectos econômicos, sociais e de interesse geral, abordados em perspectiva de auxiliar na formulação de políticas públicas.

Desta forma, o Seade mais uma vez se reafirma como uma instituição ímpar no fornecimento de informações de importância para o conhecimento do Estado de São Paulo e para a formulação de suas políticas públicas.

Maria Helena Guimarães de Castro

IDOSOS E MORTALIDADE: PREOCUPANTE RELAÇÃO COM AS CAUSAS EXTERNAS

RESUMO: *Com o processo de envelhecimento populacional, é crescente o número de óbitos entre as pessoas acima de 60 anos, tornando essencial um olhar detalhado para as causas dessas mortes, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dessa parcela da população. Apesar de numericamente ainda reduzido, chama atenção o aumento importante da ocorrência de mortes devido às causas externas, com destaque para atropelamentos e quedas.*

SUMÁRIO EXECUTIVO

- *No Estado de São Paulo, doenças do aparelho circulatório, neoplasias e doenças do aparelho respiratório aparecem como as principais causas de mortalidade de idosos, seguidas por doenças do aparelho digestivo e das glândulas endócrinas.*
- *As causas externas vêm ganhando representatividade e provocaram a morte de 75 mil idosos, entre 2000 e 2014. Neste último ano, ocorreram 6.221 óbitos, com média diária de 17 mortes.*
- *Para as idosas, em 2014, as taxas de mortalidade por causas externas ultrapassavam 90 óbitos por 100 mil. Entre 2000 e 2014, tais causas duplicaram para as mulheres com mais de 75 anos e triplicaram para aquelas com idade superior a 85 anos. Para os idosos, as taxas aproximavam-se de 160 óbitos por 100 mil, em 2014, sendo que o maior valor foi registrado para aqueles com mais de 85 anos, com 541,6 por 100 mil.*
- *Atropelamentos e quedas aparecem com maior intensidade e tendência crescente, na terceira idade. Em 2014, quase um quarto*

dos óbitos devidos a acidentes de transporte foi causado por atropelamento, enquanto para as pessoas com mais de 75 anos correspondeu à metade. Entre 2000 e 2014, as mortes por quedas registraram aumento superior a cinco vezes nas idades mais avançadas.

- *Acidentes de transporte ocupam a primeira posição entre as causas externas para os idosos de 60 a 74 anos e, para as mulheres, esta posição acontece entre 60 e 64 anos. A partir de 65 anos, as quedas passam a ser a primeira causa externa de morte feminina.*
- *Entre os homens de 70 a 74 anos, atropelamentos são o dobro dos demais acidentes de transporte, enquanto as quedas ampliam seu destaque após 75 anos, superando inclusive todas as demais causas externas.*
- *Para as idosas de 60 a 69 anos, acidentes de transporte são a primeira causa externa de morte, sendo que após os 75 anos os atropelamentos superam os demais acidentes de transporte. Entre os homens, tal superioridade ocorre após a faixa etária de 70 a 74 anos, em 2000, e após 80 anos, em 2014.*

INTRODUÇÃO

A considerável redução da mortalidade infanto-juvenil e a crescente proporção de idosos na população, observada nas últimas décadas, contribuíram para elevar a concentração das mortes em idades mais avançadas. Atualmente, de cada 100 óbitos ocorridos no Brasil, 63 correspondem a pessoas de 60 anos ou mais de idade, aumentando para 68 casos no Estado de São Paulo. Em 1980, essa participação era menor: 38% e 42%, respectivamente.

Doenças do aparelho circulatório, neoplasias e doenças do aparelho respiratório aparecem como as principais causas de mortalidade desse grupo populacional, seguidas pelas doenças do aparelho digestivo e das glândulas endócrinas. As causas externas ocupam posição de menor destaque. Apesar disso, dois fatos chamam a atenção: elas vêm ganhando representatividade nesse grupo etário nos últimos anos; e as respectivas taxas de mortalidade são expressivas. Somente entre 2000 e 2014, cerca de 300 mil pessoas com 60 anos ou mais morreram no Brasil devido a causas externas, sendo que um quarto residia no Estado de São Paulo.

Com o processo de envelhecimento populacional acentuando-se, torna-se necessário um olhar mais atento para essa questão, que tende a se agravar. Nesse sentido, o presente estudo traz o panorama da evolução, desde 1980, da mortalidade de idosos residentes no Estado de São Paulo

devido a causas externas, destacando o período compreendido entre 2000 e 2014. Expõem-se informações desse contingente idoso, por sexo e idade, relativas a totais e taxas específicas de mortalidade, buscando identificar os diferenciais existentes. As causas externas foram detalhadas em seus principais grupos: acidentes de transporte (atropelamentos e demais acidentes); suicídios; agressões; quedas; e demais causas externas.

Foram consideradas duas fontes de dados produzidas pela Fundação Seade: o Sistema de Estatísticas Vitais e o Sistema de Projeções Populacionais. O primeiro é elaborado com base na Pesquisa Mensal de Eventos Vitais, realizada junto aos Cartórios de Registro Civil de todos os municípios paulistas. Entre as informações levantadas, encontram-se aquelas relativas aos óbitos registrados em todo o Estado de São Paulo, contendo diversas variáveis que geram rica base de estatísticas de mortalidade, cobrindo o universo de eventos ocorridos e registrados no Estado. Essas informações são produzidas desde o final do século XIX e constituem importante acervo de dados disponível na Fundação Seade.

A segunda fonte de dados é resultante de estudo sobre a dinâmica populacional de cada região e município do Estado, a partir dos principais componentes responsáveis pelo seu crescimento: fecundidade, mortalidade e migração. Essa análise possibilita a adoção, pela Fundação Seade, do método dos componentes demográficos para projetar a população, por idade e sexo, de todas as localidades paulistas. Assim, encontram-se disponíveis as informações que servem de denominador para o cálculo das taxas de mortalidade aqui contempladas.

ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E DISTRIBUIÇÃO DOS ÓBITOS

O processo de envelhecimento populacional é uma realidade no Brasil e em seus Estados, com consequências nas mais diversas áreas, em especial na saúde e previdência. Em 1980, havia 1,5 milhão de pessoas com 60 anos ou mais no Estado de São Paulo, passando para 3,3 milhões, em 2000, e para 5,5 milhões, em 2014. Em 2030 devem chegar a 9,3 milhões, o que corresponde a um acréscimo de 70% em relação ao momento atual. A participação dos idosos no total da população residente no Estado, que era de 6,3% em 1980 e 12,9% em 2014, deverá chegar a 20%, em 2030.

A combinação das mudanças ocorridas na estrutura etária da população com a evolução do processo saúde-doença, que tem ampliado a sobrevivência dos indivíduos, traz alterações expressivas nas taxas de mortalidade e na distribuição das principais causas de morte entre idosos. Tais alterações

têm reflexo não apenas no volume de óbitos, mas também na distribuição por sexo e idade.

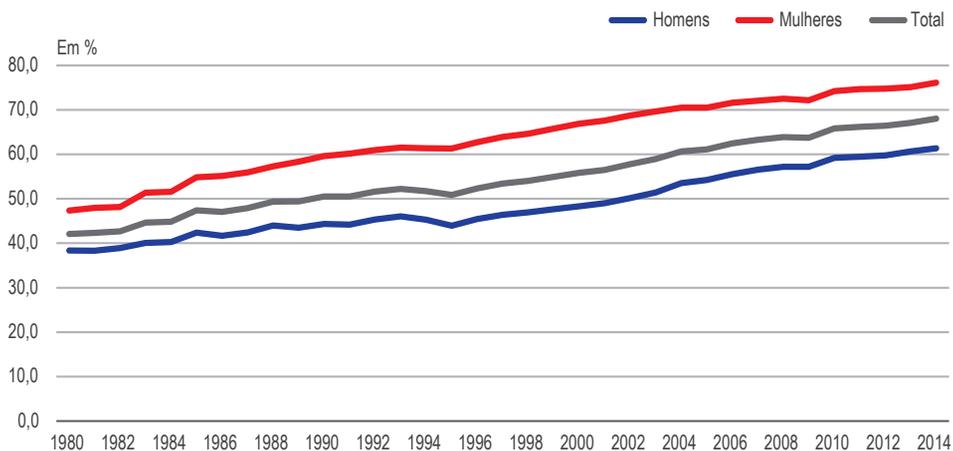
Observa-se que o total de óbitos no Estado de São Paulo cresceu expressivamente no período analisado: 172.843 mortes em 1980; 204.821 em 1990; 237.736 em 2000; e 281.186 em 2014. Os homens concentravam cerca de 60% do total dos óbitos ocorridos até 2000, mas essa proporção vem diminuindo nos últimos anos. Em 2014, eles passaram a responder por 55% das mortes, a menor participação observada no período analisado, que certamente está influenciada pela redução ocorrida entre as causas externas de morte, em especial entre os homens adultos jovens, e pelo processo de envelhecimento populacional, mais intenso entre as mulheres.

A evolução dos óbitos da população de 60 anos ou mais é crescente em todo o período analisado: correspondiam a 42,1% do total de óbitos entre os residentes no Estado, em 1980, passando a responder por mais da metade a partir da década de 1990, até alcançarem 68,0%, em 2014. Os óbitos femininos nessa faixa etária, que representavam 47,4% em 1980, já são maioria três anos depois e atingem 76,1%, em 2014. Pode-se dizer que, atualmente, a cada dez mortes ocorridas entre mulheres, oito são de idosas, enquanto entre os homens essa relação é de seis para cada dez óbitos. O Gráfico 1 apresenta a evolução dos óbitos de residentes idosos no Estado de São Paulo, entre 1980 e 2014, segundo sexo.

G
R
Á
F
I
C
O

1

**Participação dos óbitos de pessoas de 60 anos ou mais, segundo sexo
Estado de São Paulo – 1980-2014**



Fonte: Fundação Seade.

Entre 1980 e 2014, a mortalidade infantil passou de 50,9 para 11,4 óbitos de menores de um ano por mil nascidos vivos, ou seja, atualmente este indicador encontra-se em patamar 4,4 vezes menor. Já a mortalidade dos jovens experimentou aumentos preocupantes na década de 1990, mas nos últimos 15 anos tem diminuído acentuadamente, em especial entre os homens. A taxa de mortalidade da população de 15 a 34 anos passou de 204,3 óbitos por 100 mil pessoas dessa faixa etária, em 2000, para 117,6 em 2014, registrando agora níveis menores que os verificados antes do período de aumentos sucessivos. Também vem diminuindo a taxa de mortalidade da população idosa, que passou de 4.006,1 óbitos por 100 mil habitantes, em 2000, para 3.486,3 em 2014, com redução de 13% nesse intervalo de tempo.

CAUSAS DE MORTE ENTRE OS IDOSOS

No período de 35 anos analisado nesse estudo, foram observadas alterações importantes na distribuição das principais causas de morte entre a população com 60 anos ou mais de idade, residente no Estado de São Paulo. A análise da evolução das taxas de mortalidade, que relacionam o número de óbitos com a correspondente população, pode melhor expressar o comportamento das causas de morte.

As doenças do aparelho circulatório ocupam, durante todo o período analisado, a primeira posição entre as causas de morte do contingente idoso e, ainda hoje, seu risco de morte supera em duas vezes o da segunda causa, que são as neoplasias.

As taxas de mortalidade do contingente idoso devido às doenças do aparelho circulatório vêm diminuindo continuamente. Em 1980, esse indicador correspondia a 2.555,2 óbitos por 100 mil habitantes, chegando a 1.154,2 por 100 mil, em 2014, o que representa queda de mais da metade nos 35 anos contemplados. Já as taxas de mortalidade por neoplasias apresentam poucas alterações durante todo o período, oscilando em torno de 650 óbitos por 100 mil habitantes idosos. A diferença observada entre as duas principais causas de morte tem se reduzido, mas ainda persiste relevante distância entre elas.

A terceira posição é ocupada pelas doenças do aparelho respiratório, cujo comportamento diverge dos dois grupos anteriores. Suas taxas de mortalidade apresentam aumento e oscilações no período analisado, aproximando-se das neoplasias nos últimos anos. Entre 1980 e 2014, a taxa de mortalidade passou de 397,5 para 559,3 óbitos por 100 mil, com aumento

de 41%. À medida que cresce a proporção de pessoas com idades mais avançadas, a tendência é de que as mortes por doenças do aparelho respiratório se tornem cada vez mais frequentes entre os idosos.

As demais causas de morte aparecem em patamares mais distantes das três primeiras. Doenças endócrinas e do aparelho digestivo registraram, nos últimos anos, taxas de mortalidade próximas a 185 óbitos por 100 mil idosos. Já as doenças endócrinas apresentaram pequena redução desde 1980, enquanto as do aparelho digestivo tiveram poucas alterações.

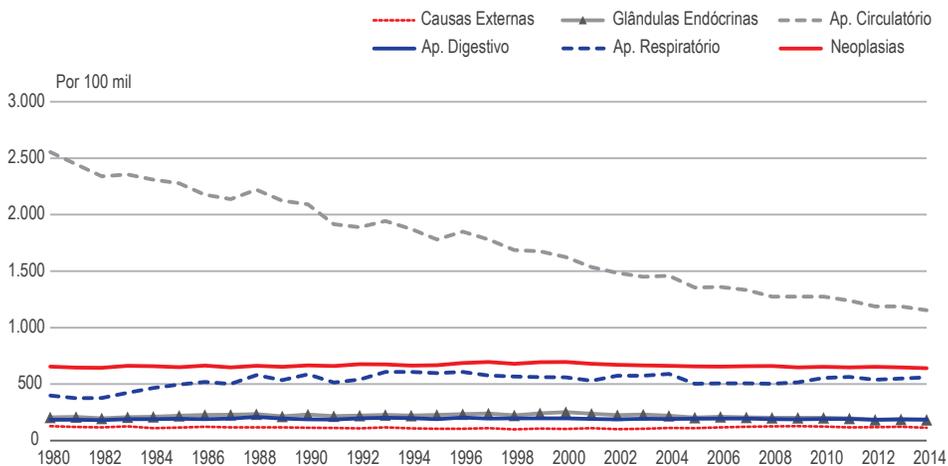
Por seu turno, as taxas de mortalidade do grupo de causas externas, entre a população idosa, têm se mantido meio constantes, sem apresentarem tendência de diminuição e oscilando entre 110 e 130 óbitos por 100 mil habitantes. Considerando-se que tais causas são mais difíceis de serem evitadas, seu comportamento evolutivo indica que tal panorama não tem contribuído positivamente para a redução da mortalidade dessa população, necessitando ser avaliado mais detalhadamente.

As taxas de mortalidade por causas externas da população feminina, apesar de inferiores às masculinas, têm apresentado tendência levemente crescente nos últimos anos. Até 2000, elas oscilavam em torno de 65 óbitos por 100 mil, sendo que mais recentemente ultrapassaram o patamar de 90 por 100 mil. Já as masculinas registram comportamento tendenciosamente decrescente, variando em torno de 160 óbitos por 100 mil nos últimos anos. O Gráfico 2 apresenta a evolução das taxas de mortalidade da população idosa, segundo as principais causas de morte, entre 1980 e 2014.

Também o peso relativo de cada grupo de causas de morte vem se alterando nestes 35 anos. As doenças do aparelho circulatório perderam participação, passando de 55% do total dos óbitos entre os idosos, em 1980, para 33,1%, em 2014. As neoplasias aumentaram seu peso relativo, subindo de 14,1% para 18,4%, enquanto as doenças respiratórias dobraram sua participação de 8,6% para 16,1%, no mesmo período. No último ano analisado, as doenças do aparelho digestivo e das glândulas endócrinas concentravam, cada uma, 5,3% do total dos óbitos da população idosa.

As causas externas apresentam percentuais bem menores, mas com registro importante de aumento no período: respondiam por 2,7% dos óbitos de pessoas com 60 anos ou mais, em 1980, passando para 3% em 2005, até atingirem 3,3%, em 2014. Até 1982, essas causas não chegavam a 2.000 óbitos por ano, mas ampliaram-se paulatinamente e alcançaram a marca de 3.405 casos, em 2000, chegando a 5.882 mortes, em 2010, e 6.221, em 2014. Nesse último ano, registrou-se uma média diária de 17 óbitos por causas externas entre a população idosa residente no Estado de São Paulo.

Taxas de mortalidade das pessoas de 60 anos ou mais, segundo principais causas de morte Estado de São Paulo – 1980-2014



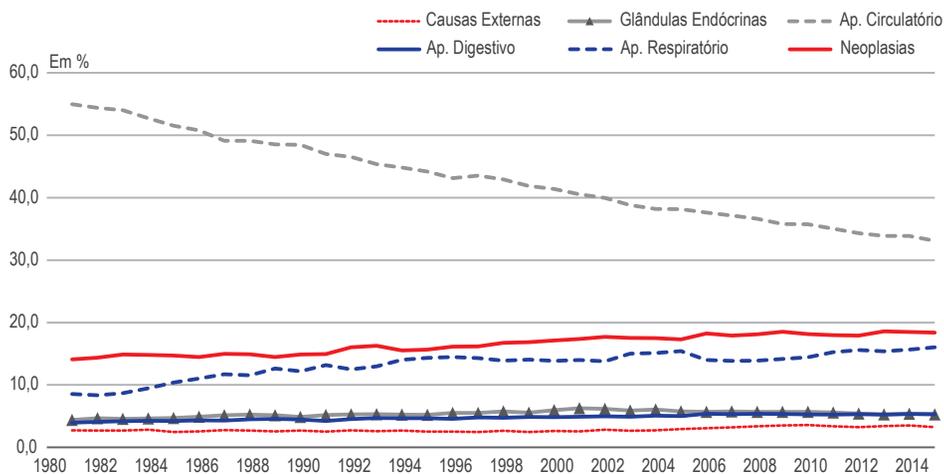
Fonte: Fundação Seade.

A morte representa apenas o desfecho da ocorrência de uma série de eventos externos, como atropelamentos, quedas ou acidentes, que limitam parcial ou totalmente a vida de parcela importante da população residente que atinge a terceira idade no Estado de São Paulo, exigindo atenção e dedicação especial do poder público e de suas famílias.

Existem diferenças importantes na participação das causas externas entre os sexos. Em 2000, elas representavam 3,2% das mortes ocorridas entre os idosos e 1,9% entre as idosas, com destaque para os óbitos masculinos, que respondiam por 63,8% das causas externas ocorridas entre a população idosa. Já em 2014, essa causa de morte passou a representar 3,9% entre os homens e 2,6% entre as mulheres. Nesse período, tal causa para os óbitos masculinos cresceu de 2.171 para 3.673 casos, enquanto para as mulheres aumentou de 1.234 para 2.548 casos.

O acréscimo foi maior para elas, com o número de óbitos tendo mais que duplicado em apenas 15 anos. Ressalte-se que, no último ano analisado, 43,9% dos óbitos por causas externas entre idosos masculinos correspondiam a pessoas com 75 anos ou mais, ao passo que entre as mulheres esse percentual foi ainda maior (72,5%), indicando grandes riscos de exposição a causas externas para o contingente feminino. O Gráfico 3 apresenta a distribuição dos óbitos registrados entre a população idosa residente no Estado de São Paulo, segundo as principais causas de morte.

Distribuição dos óbitos de pessoas com 60 anos ou mais, segundo causas de morte Estado de São Paulo – 1980-2014



Fonte: Fundação Seade..

CAUSAS EXTERNAS DE MORTE E DIFERENCIAIS POR SEXO E IDADE

Apesar de o número de óbitos por causas externas entre a população idosa não ser o mais volumoso quando comparado aos totais de outras causas de morte, verifica-se que as respectivas taxas de mortalidade se mostram elevadas em relação a outros grupos etários.

Para a população masculina, em 2000, quando a ocorrência de causas externas era muito elevada, em especial as agressões, as taxas de mortalidade eram pequenas até 14 anos de idade e aumentavam rapidamente até 20 a 24 anos, atingindo valores muito elevados: 302,0 óbitos por 100 mil habitantes. Essas taxas diminuía nos grupos etários seguintes, mas mantinham-se acima de 150 óbitos por 100 mil entre os homens de 45 a 49 anos. Na faixa dos 50 a 74 anos, elas ficavam em torno de 130 por 100 mil, mas nas idades mais avançadas voltavam a se elevar. Para se ter uma ideia, entre pessoas com 85 anos ou mais, a taxa superava inclusive aquela registrada na faixa de 20 a 24 anos, alcançando 338,4 óbitos por 100 mil homens.

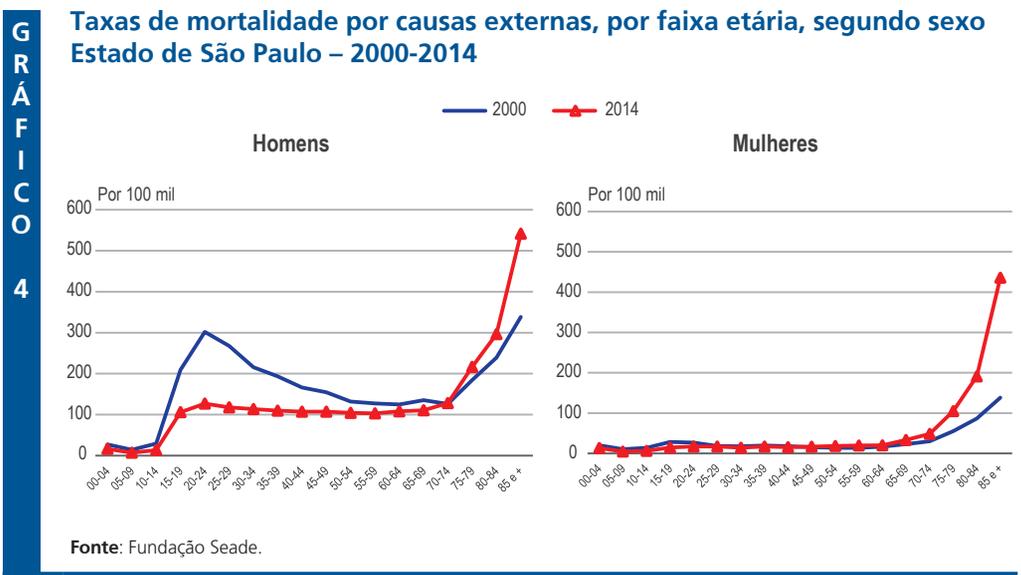
A partir desse momento, os níveis de mortalidade por causas externas diminuíram consideravelmente no Estado, principalmente devido à redução das mortes por agressões. Dessa forma, em 2014, as taxas relativas aos mais jovens caíram acentuadamente, constituindo padrão etário totalmente novo

para a mortalidade masculina por causas externas. As diferenças entre os grupos etários acentuaram-se ainda mais para os homens com mais de 70 anos, superando todas as demais taxas. Para aqueles com idades ainda mais avançadas, 85 anos ou mais, a taxa atingiu o patamar de 541,6 óbitos por 100 mil, bem maior que a correspondente em 2000.

No mesmo período, o padrão da mortalidade por causas externas pouco se alterou para as mulheres com até 64 anos de idade, tendo sido sempre bem menores do que as masculinas. A partir de 75 anos, ocorre aumento nessas taxas, que então duplicam ou até mesmo triplicam, como se observa entre as mulheres com 85 anos ou mais. Em consequência, observou-se maior distanciamento das taxas de mortalidade por causas externas nas idades mais avançadas, quando comparadas às faixas etárias mais jovens, registrando níveis até mais de dez vezes superiores.

Em 2014, as mulheres entre 80 e 84 anos exibiam taxa de mortalidade por causas externas de 191,1 óbitos por 100 mil, enquanto entre as idades de 15 a 59 anos as taxas situavam-se entre 14 e 20 óbitos por 100 mil. Já para aquelas com 85 anos ou mais, o patamar alcançou 435,7 óbitos por 100 mil, cerca de 30 vezes a observada entre 30 e 34 anos. Esses níveis são os maiores entre todos os grupos etários femininos, o que já era verificado em 2000, superando inclusive os grupos jovens, para os quais as causas externas constituem a principal causa de morte.

O Gráfico 4 apresenta as taxas de mortalidade por causas externas, para a população masculina e feminina residente no Estado de São Paulo,



segundo faixas etárias. No período analisado, observa-se que as taxas de mortalidade por causas externas para os homens, em todas as faixas etárias, superaram aquelas referentes às mulheres. Em 2014, mesmo com a redução verificada, elas ainda eram sete a oito vezes maiores nas idades entre 15 e 34 anos, enquanto para os idosos, as diferenças das taxas de mortalidade entre os sexos foram bem menores: 1,8 vez para a população de 80 a 84 anos e 1,4 para a de 85 anos ou mais.

OS IDOSOS E AS CAUSAS EXTERNAS DETALHADAS

A composição das causas externas de morte é bem distinta entre jovens e idosos. Se, para os primeiros, as mortes por agressões e acidentes de veículo constituem as principais causas externas, para a população na terceira idade, atropelamentos e quedas aparecem com mais intensidade. A análise das causas externas detalhadas – atropelamentos, demais acidentes de veículo, quedas, suicídios e agressões – permite traçar um panorama das diferenças e especificidades dos distintos grupos etários da população residente no Estado de São Paulo, nos últimos 15 anos.

Em 2000, com as altas taxas de mortalidade por agressões observadas para a população masculina, essa causa aparecia com grande destaque entre os jovens, superando largamente as demais causas externas. Somente entre os homens com 60 anos ou mais elas perderam a posição de primeira causa externa de morte e os acidentes de transporte passaram a ocupar este posto. Os atropelamentos aumentaram gradativamente sua participação neste grupo de causas, empataram entre as idades de 70 a 74 anos e, após esta idade, já respondem por mais que o dobro dos demais acidentes de transporte. As quedas ampliaram seu destaque após 75 anos, superando inclusive todos os tipos de acidentes de transporte. Os suicídios, por sua vez, passaram a ser a terceira causa mais importante desse contingente.

Em 2014, as taxas por agressões diminuíram acentuadamente, mas ainda aparecem, sem muito destaque, como a principal causa externa de morte para a população masculina entre 15 e 34 anos. A partir desta faixa etária, foram superadas pelos acidentes de transporte, com composição entre atropelamentos e demais acidentes muito semelhantes a 2000. Somente para as pessoas com 75 anos ou mais de idade, as quedas ultrapassaram em muito todas as demais causas externas, resultando em taxa de mortalidade cinco vezes maior do que a registrada em 2000.

Por outro lado, em 2014, as taxas de mortalidade por acidentes de transporte, entre os homens com 60 anos ou mais, mantiveram-se pratica-

mente constantes quando comparadas a 2000, com exceção do contingente mais idoso, com 85 anos ou mais, cujas taxas diminuiram 14%.

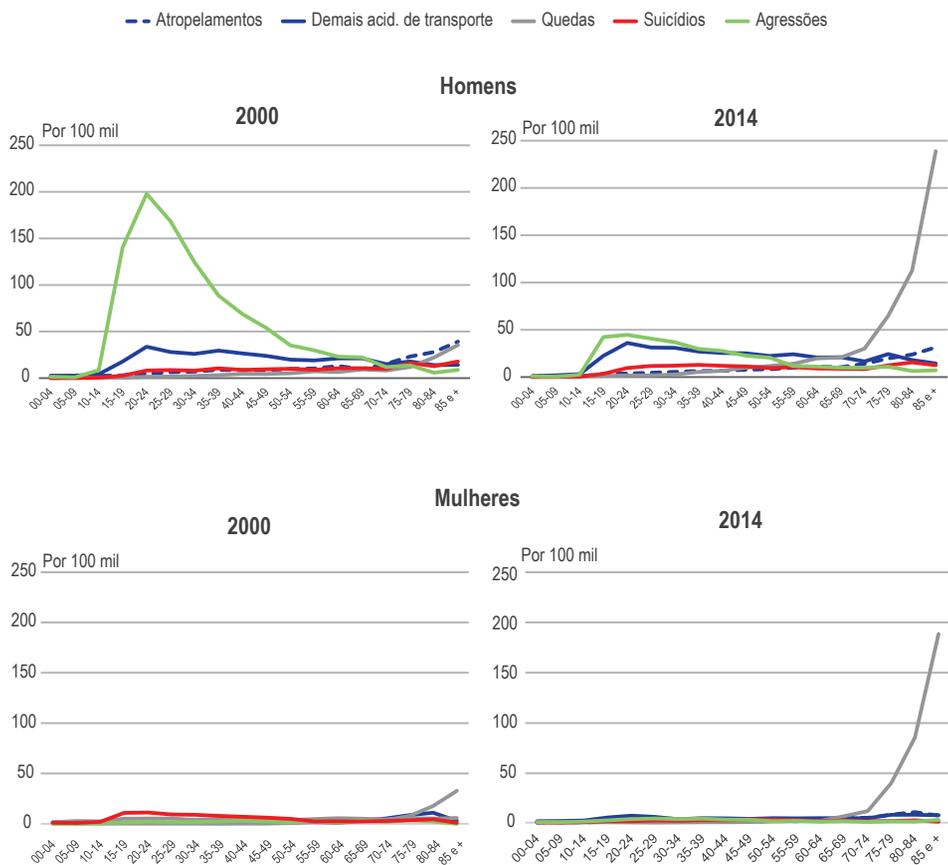
Para a população feminina com até 70 anos, as taxas são inferiores às correspondentes aos homens, sendo o padrão em 2014 muito semelhante ao verificado em 2000, com os acidentes de transporte aparecendo como a primeira causa externa de morte, com taxas geralmente abaixo de 10 óbitos por 100 mil mulheres, nesses dois momentos. Essas taxas diminuiram no período analisado, mesmo permanecendo em patamar superior às demais idades. Em 2014, a taxa de mortalidade para a faixa de 85 anos ou mais foi de 14,7 óbitos por 100 mil, quase 70% maior que em 2000 (8,7 por 100 mil). Também entre elas, os atropelamentos superaram os demais acidentes de transporte a partir de 75 anos de idade.

As mortes femininas por agressões também foram menores em 2014 e inferiores ao patamar observado para os homens. O que mais chama a atenção, no entanto, é o salto observado, entre 2000 e 2014, cinco vezes maior, para as taxas de mortalidade por quedas, especialmente aquela registrada na última faixa etária, que passou de 32,7 para 191,1 óbitos por 100 mil, ou seja, quase duas mortes para cada mil pessoas com 85 anos ou mais. As taxas de mortalidade por suicídios, embora menores do que as demais causas externas, superaram, em 2014, as taxas por agressões em todas as idades acima de 60 anos, apesar de terem se reduzido quando comparadas a 2000.

Observa-se, portanto, que os acidentes de transporte e as quedas aparecem como os grandes responsáveis pela mortalidade por causas externas entre os idosos. Os acidentes de transporte são a primeira causa externa de morte para a população masculina entre 60 e 74 anos, enquanto para as mulheres esta posição acontece somente até a faixa etária de 60 a 64 anos. A partir de 65 anos, as quedas passam a ser a primeira causa de morte feminina, com crescimento expressivo no período analisado. O Gráfico 5 apresenta as taxas de mortalidade por causas externas detalhadas, segundo sexo e idade, entre 2000 e 2014.

Como mencionado, as elevadas taxas de mortalidade por acidentes de transporte entre os idosos revelam o grande risco a que essa população se expõe diariamente, muitas vezes devido a problemas físicos ou de mobilidade, demandando equipamentos e políticas especiais, além de atendimento especializado nos serviços de saúde. Em 2014, quase um quarto dos óbitos devido a acidentes de transporte foi causado por atropelamento, sendo que entre as pessoas com 75 anos ou mais foi pouco mais da metade. Foram 339 óbitos de idosos nesse ano, quase uma morte por dia, sendo 124 casos

Taxas de mortalidade por causas externas, por idade, segundo sexo e tipo de causa Estado de São Paulo – 2000-2014

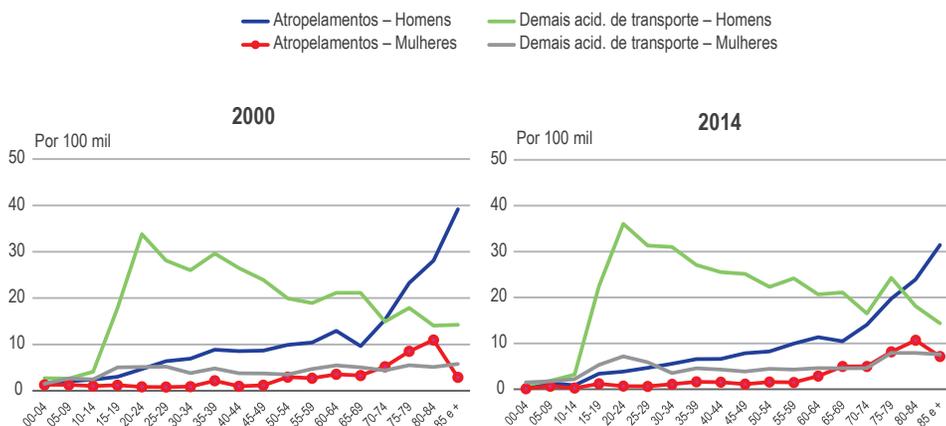


Fonte: Fundação Seade.

com homens de 75 anos ou mais. Já entre as mulheres, 166 idosas morreram devido a atropelamento.

Os atropelamentos superavam os demais acidentes de transporte entre os idosos com mais de 70 anos, em 2000, e com mais de 80 anos, em 2014. Já entre as idosas, nesse primeiro ano, tal superioridade era verificada após 70 anos, sendo que em 2014 ocorre entre as mulheres com 65 anos e mais. As taxas de mortalidade por atropelamentos mais elevadas foram registradas entre homens com 85 anos e mais (39,2 óbitos por 100 mil, em 2000, e 31,4, em 2014) e para as mulheres de 80 a 84 anos, com pouco mais de 10 óbitos por 100 mil, nesses dois anos. O Gráfico 6 destaca os acidentes de transporte desagregados em atropelamentos e demais acidentes.

Taxas de mortalidade por atropelamentos e demais acidentes de transporte, por idade, segundo sexo Estado de São Paulo – 2000-2014



Fonte: Fundação Seade.

COMENTÁRIOS SOBRE OS RESULTADOS

As informações apresentadas mostram que, a despeito de as causas externas serem geralmente vinculadas às populações jovens, uma vez que nestas a violência se faz mais presente, o risco de morte é consideravelmente relevante entre pessoas na terceira idade. À medida que avança a idade, o risco também aumenta, em especial devido aos atropelamentos e às quedas acidentais.

Camargo e Maia (2013) destacaram, recentemente, que as mortes no trânsito ocorrem com mais frequência entre homens do que entre mulheres e que os atropelamentos têm maior prevalência entre pessoas mais idosas, enquanto os acidentes de motocicleta atingem com mais intensidade a população jovem. Observou-se, também, que grande parte dos eventos que atingiram idosos ocorreu em períodos do dia em que o fluxo de veículos era menor. Esse estudo mostrou que, em 2011-2012, o principal pico acontecia entre 9 e 10 horas, enquanto no conjunto da população a proporção de acidentes era mais elevada nos períodos de maior fluxo de veículos. A explicação para tal fato estaria relacionada aos hábitos da população com idades mais avançadas, que realiza suas atividades fora de casa em períodos em que o fluxo de pessoas e de veículos é menor.

O maior risco de acidentes de transporte entre a população mais idosa não é um fato exclusivo do Estado de São Paulo, mas aparece em todo o

país. Como exemplo, segundo a pesquisa “Vida no Trânsito”, em Curitiba (PR), observou-se que, em 2013, os idosos lideravam o *ranking* de atropelamentos: foram registradas 30 mortes, das quais 16 correspondiam a pessoas com mais de 70 anos, destacando-se que um dos principais motivos era a falta de local adequado para a travessia (GAZETA DO POVO, 2014).

Outra grande preocupação refere-se às mortes por quedas, que vêm crescendo muito nos últimos anos no Estado de São Paulo. Análise de Gomes, Barbosa e Caldeira (2010), para o período de 1999 a 2008 para Minas Gerais, mostrou que as taxas de mortalidade por causas externas aumentaram consideravelmente, sendo grande parte devido às quedas, cujas taxas de mortalidade duplicaram. Os autores chamam a atenção para a necessidade do estabelecimento de políticas voltadas para a população idosa, uma vez que as ações privilegiam mais os jovens, cujo número de mortes é bem superior, ressaltando que “se os números absolutos de óbitos por causas externas entre os idosos não chamam a atenção, o mesmo não pode ser afirmado em relação aos coeficientes” (GOMES; BARBOSA; CALDEIRA, 2010, p. 2).

Muitas destas mortes são provocadas por acidentes domésticos e podem estar associadas a outros problemas de saúde, como destaca um *site* relacionado à saúde. Os fatores de risco apontados na maioria dos estudos como mais determinantes para quedas são: idade igual ou maior a 75 anos; sexo feminino; declínio cognitivo; inatividade; fraqueza muscular; distúrbios do equilíbrio corporal, da marcha ou de mobilidade; déficit visual; história prévia de acidente vascular cerebral; quedas e fraturas anteriores; comprometimento na capacidade de realizar atividades da vida diária; e uso de medicações psicotrópicas, em especial os benzodiazepínicos, bem como de várias medicações concomitantes (IDMED, 2014).

Segundo o *Boletim Epidemiológico* do Centro de Vigilância Epidemiológica da Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo, em 2008, as quedas representaram 60,7% das internações relacionadas às causas externas entre os idosos e, entre janeiro e setembro de 2012, o gasto hospitalar relacionado às suas internações foi de quase 28 milhões de reais (CVE, 2012).

A preocupação com as causas externas não se restringe apenas a algumas áreas, mas abrange todo o país. De 2000 a 2014, o número de falecimentos devido a tais causas na população idosa praticamente dobrou no Brasil, revelando a necessidade de uma política mais rigorosa para reduzir essa mortalidade. No Estado de São Paulo, o número de mortes por causas externas, entre os idosos, também dobrou nesse período. Mantidos os níveis de mortalidade atuais, tal número pode crescer consideravelmente nos próximos anos, em função do aumento da população na terceira idade.

Esses números são apenas parte de um problema imenso que atinge o Brasil, onde o número de mortos por acidentes de transporte e por agressões encontra-se entre os maiores do mundo, tanto em termos absolutos como relativos. No caso dos idosos ainda se acrescentam as mortes por quedas, muitas vezes associadas a outros problemas de saúde, como osteoporose, desequilíbrios, mal de Alzheimer, Parkinson, entre outros que tendem a aumentar com o envelhecimento populacional. A partir de 2009, as mortes por quedas ultrapassaram aquelas correspondentes aos acidentes de transporte no país, tendo aumentado 4,5 vezes desde 1996. Para o contingente de idosos, as mortes por acidentes de transporte aumentaram 50% nesse período.

Gawryszewski e Mello Jorge (2004) também destacaram a importância que estas causas já tinham na morbidade, em 2000, para todo o país. As quedas apareciam como as principais causas, com 56,1% das internações, sendo que as fraturas tinham maior destaque entre as lesões resultantes.

REFERÊNCIAS

CVE – Centro de Vigilância Epidemiológica. Morbi-Mortalidade por quedas em idosos no Estado de São Paulo: um olhar regional. *Boletim Epidemiológico*, v. 2, n. 14-17, 2012. Disponível em: <http://www.cve.saude.sp.gov.br/boletim/txt/bol141712_idosos.htm>. Acesso em: 19 set. 2014.

CAMARGO, A. B. M.; MAIA, P. B. O perfil das mortes por acidentes de transporte no Estado de São Paulo. *1ª Análise*, v. 2, maio 2013. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/02-maio2013-o-perfil-das-mortes-por-acidentes-de-transporte-estado-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 19 set. 2014.

FUNDAÇÃO SEADE. Sistema de Estatísticas Vitais (www.seade.gov.br).

_____. Sistema de Projeções Populacionais (www.seade.gov.br).

GAWRYSZEWski, V. P.; MELLO JORGE, M. H. P. Mortes e internações por causas externas entre os idosos no Brasil: o desafio de integrar a saúde coletiva e atenção individual. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 50, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302004000100044>. Acesso em: 20 mar. 2014.

GAZETA DO POVO. Idosos são as principais vítimas dos acidentes de trânsito em Curitiba. 22/09/2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/especial-maio-amarelo/conteudo.phtml?id=1471422>>. Acesso em: 23 set. 2014.

GOMES, L. M. X.; BARBOSA, T. L. A.; CALDEIRA, A. P. Mortalidade por causas externas em idosos em Minas Gerais, Brasil. *Escola Anna Nery*, v. 14, n. 4,

out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452010000400018&script=sci_arttext>. Acesso em: 23/09/2014.

IDMED. Acidentes domésticos e idosos: como evitar? Disponível em: <<http://www.idmed.terra.com.br/saude-de-a-z/saude-do-idoso/acidentes-domesticos-e-idosos-como-evitar.html>>. Acesso em: 23 set. 2014.

NOTA AOS COLABORADORES

Os artigos publicados pelo *Primeira Análise* devem ser relacionados a pesquisas da Fundação Seade. As colaborações podem ser tanto de integrantes da Fundação como de analistas externos.

A publicação não remunera os autores por trabalhos publicados. A remessa dos originais para apreciação implica autorização para publicação pela revista, embora não haja obrigação de publicação.

A editoria do boletim poderá contatar o autor para eventuais dúvidas e/ou alterações nos originais, visando manter a homogeneidade e a qualidade da publicação, bem como adequar o texto original ao formato dos artigos do *Primeira Análise* – e para isso podem ser realizadas reuniões de ajuste de conteúdo editorial com os autores.

É permitida sua reprodução total ou parcial, desde que seja citada a fonte.

E-mail de contato: edneydias@seade.gov.br

NORMAS EDITORIAIS

O artigo deverá ser digitado em Word (fonte TIMES NEW ROMAN, corpo 12), contendo no mínimo 15 e no máximo 30 páginas, em espaço duplo.